XXI ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
50 anos de Ciência da Informação no Brasil: diversidade, saberes e transformação social
Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-10 – Informação e Memória

A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NO QUILOMBO URBANO VIDAL MARTINS

THE IMPORTANCE OF INFORMATION AND MEMORY IN THE URBAN QUILOMBO VIDAL MARTINS

Kariane Regina Laurindo – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Daniella Camara Pizarro – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A comunicação em questão objetiva, a partir do contexto da Ciência da Informação, discutir a importância da informação no que tange a estruturação e preservação da memória no quilombo urbano Vidal Martins em Florianópolis, Santa Catarina. Sua fundamentação conceitual, a falácia da democracia racial; a memória e informação, através dos estudos das áreas da CI e da História, em como, a análise da comunidade Vidal Martins como produtora de memórias que geram informação para a sociedade. A metodologia do presente estudo é de abordagem qualitativa com a análise bibliográfica e documental, configurando-se como uma revisão de literatura. Constatou-se que a relação entre memória e informação representa a identidade cultural para os remanescentes quilombolas da comunidade Vidal Martins, e ainda, o reconhecimento de suas origens e história, as quais foram rejeitadas por grupos sociais que detém o poder e reafirmam sua branquitude, o pensamento colonial e o racismo. Nesse sentido, a Ciência da Informação contribui também para temáticas no âmbito social e racial construindo instrumentos que possam auxiliar os pesquisadores e os profissionais da informação, entre eles os bibliotecários, e a sociedade.

Palavras-chave: memória; informação; quilombo; Quilombo Urbano Vidal Martins.

Abstract: The communication in question aims, from the context of Information Science, to discuss the importance of information regarding the structuring and preservation of memory in the urban quilombo Vidal Martins in Florianópolis, Santa Catarina. Its conceptual foundation, the fallacy of racial democracy; memory and information, through studies in the areas of IC and History, as well as the analysis of the Vidal Martins community as a producer of memories that generate information for society. The methodology of this study is a qualitative approach with bibliographic and documental analysis, configuring itself as a literature review. It was found that the relationship between memory and information represents the cultural identity for the remaining quilombolas of the Vidal Martins community, as well as the recognition of their origins and history, which were rejected by social groups that hold power and reaffirm their whiteness, colonial thought and racism. In this sense, Information Science also contributes to themes in the social and racial sphere, building instruments that can help researchers, information professionals, including librarians, and society.

Keywords: memory; information; quilombo; Urban Quilombo Vidal Martins.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende a necessidade do estudo sobre Memória como uma das temáticas inseridas no campo da Ciência da Informação (CI) e tem como objetivo apresentar a importância da informação no que tange a estruturação e preservação da memória no quilombo urbano Vidal Martins em Florianópolis, Santa Catarina. Entende-se que discutir sobre informação e memória nas comunidades quilombolas é fundamental, uma vez que estas comunidades são constantemente invisibilizadas pela dinâmica do racismo estrutural.

Empregar a temática memória na área da CI compreende uma complexa e abrangente discussão epistemológica para o campo. Contudo, trata-se de uma discussão pertinente para o entendimento da informação relacionada ao atendimento de demandas sociais, como a identidade e memória de grupos sociais. Atualmente, mais do que nunca, urge o imperativo de pesquisadores e profissionais, como o bibliotecário, atuarem no que tange ao levantamento e organização de fonte de informações que subsidiem no registro da memória e organização da memória, visando o combate ao racismo e esquecimento da história de comunidades quilombolas. Destaca-se que a informação e memória, nesse contexto, são importantes também para a demarcação territorial e garantia da qualidade de vida dos remanescentes quilombolas.

Justifica-se esta comunicação, destacando que compreender a correlação entre informação e memória no desenvolvimento do campo social implica na importância da preservação histórica e cultural da comunidade em questão. E ainda, (re)conhecer a história invisibilizada da própria cidade de Florianópolis, história esta, que os livros não contam. Nesse sentido, a memória da comunidade não atua somente para a história de Florianópolis, mas também para a história do Brasil, visto que os quilombos foram e são lugares de resistência a uma sociedade escravagista.

Observa-se ainda, que na área da CI é identificada uma tímida movimentação na literatura sobre comunidades quilombolas, principalmente em Florianópolis, além de poucos e emergentes estudos sobre as questões étnicos-raciais na Biblioteconomia e CI; bem como sobre a desigualdade calcada nos privilégios de branquitude. Portanto, tal comunicação, faz parte de pesquisa de mestrado profissional em andamento, a qual pretende como produto social, a produção de um dossiê documental da história e das memórias dessa comunidade.

Metodologicamente, o presente estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa com a análise bibliográfica e documental, configurando-se como uma revisão de literatura focada na

temática. Adiante, apresenta-se a fundamentação conceitual baseada na falácia da democracia racial, na informação e memória, através dos estudos das áreas da CI e da História, bem como, a análise da comunidade Vidal Martins como produtora de memórias que geram informação para a sociedade. Dessa maneira, a pesquisa entra no escopo do grupo de trabalho do ENANCIB - GT10 - Informação e Memória.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

A CI como um campo interdisciplinar, conversa com inúmeras outras áreas do conhecimento. Preocupada com a informação desde a sua gênese até a sua transformação para a criação de um conhecimento, esta área pode abranger diferentes áreas do conhecimento como: a Filosofia, Matemática, Antropologia e outras.

Mas como poderia a CI, esse campo tão abrangente, também compor em seu escopo de estudos temáticas tão enraizadas em outras áreas como no caso da memória? Ela de fato vem sendo tratada mais fortemente no campo da Psicologia e da História. Dessa forma, antes de compreender o que é a memória para a CI, é preciso compreender o que é a informação para a área.

Araújo (2018) cita três conceitos de informação, o primeiro está vinculado a sua dimensão material e física, o segundo é um pouco mais amplo está voltado para a dimensão cognitiva (informação ligado a dado e conhecimento ligado aquilo que está na mente) e o terceiro é a interação da informação no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos.

Conduzindo a compreensão do conceito de informação como um estado de conhecimento, Gomes (2017, p31) infere que o conceito de informação pode ser observado, “[...] como produto do esforço de colocar em comum, o que move a ação comunicativa, guardando em si a própria potência promotora de novas ações de comunicação, a partir das quais podem emergir revisões e até a geração de novos conhecimentos.”.

Já para Capurro e Hjorland (2007, p.192), o conceito de informação tem o seu significado nos contextos cultural e social, para os autores “[...] a informação é um conceito subjetivo, mas não fundamentalmente em um sentido do individual. Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos socioculturais e científicos.”

Ainda sobre o âmbito social e cultural da informação Bezerra, Schneider e Brisola (2017, p. 8), que se utilizam do termo informação qualificada, os autores exercem a informação como

um insumo para a construção do conhecimento para o indivíduo, "[...] a existência humana esteve desde sempre marcada pela impossibilidade de absorver, avaliar e utilizar, bem ou mal, a totalidade da miríade informacional, interior e exterior.". Assim, o gosto informacional pode contribuir para a formação de sujeitos conscientes de seus direitos e deveres a partir da busca correta pela informação.

No social, cultural, na construção pelo gosto informacional e na formação de conhecimentos a informação perpassa por diversos conceitos para diferentes autores, portanto compreendê-la torna-se único para quem a utiliza. Assim, a informação tem um conceito subjetivo livre de ser fixa em uma única determinação, ela deve ser entendida pela sua importância para quem a utiliza.

Observado a importância de se compreender os diferentes conceitos que a informação tem para a CI, as fontes de informação também possuem definições distintas, Paiva, Santos e Nascimento (2014, p. 57) sob a perspectiva positivista define fontes de informação como, "[...] todos os documentos gerados pelo sistema de comunicação científica são considerados fontes de informação.". Para os autores Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33) "[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos.".

Já Araújo e Fachin (2015, p. 83) inferem que "Fonte de informação pode ser qualquer coisa, que tem a característica de informar algo para alguém [...]", as autoras apresentam esse entendimento ao posicionar que,

> As fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta. No campo científico são aquelas que nos permitem criar, recriar e ter acesso ao conhecimento sobre um assunto ou área de nosso interesse ou pesquisas. De modo que, as fontes de informações são referências sobre o que está registrado e disponível ao ser humano, possibilitando reinventar ou compreender melhor seu objeto de estudo. (ARAÚJO; FACHIN, 2015, p. 84).

Constituída dos mais diversos meios e formas as fontes de informação podem se caracterizar entre as classificações primárias, secundárias e terciárias. De acordo com Blattmann (2015) às fontes primárias estão ligadas diretamente a informação como um produto criado pelo autor como artigos e livros, as secundárias se revelam pela participação de outro autor como exemplo os dicionários e as enciclopédias, e as terciárias são identificadas nas bibliografias de bibliografias, catálogos de bibliotecas e outros.

Sendo primárias, secundária ou terciária algo importante a se mencionar é que as fontes de informação estão disponíveis em distintas formas. Podemos ter um artigo publicado em um periódico de renome, assim como podemos ter um panfleto de uma campanha política para a presidência da associação de moradores do bairro local como uma fonte de informação, ambas, o artigo e o panfleto, informam algo para alguém ou para um coletivo.

Nesse sentido, Paiva (2014, p. 67) apresenta as narrativas indígenas como fontes de informação e as categoriza como fontes primárias, "Entendemos que, [...] podem ser incluídas as narrativas indígenas que, através de diversas vozes, revelam conteúdos muito ricos em dados sobre a cultura indígena [...]".

E Freitas (2001), apresenta como definição de fonte de informação documentos Legal e correspondências como forma de fonte de informação, a autora faz um estudo que identifica o negro no período colonial no estado de Santa Catarina através de documentos do arquivo público do Estado.

Por fim, observado a não existência de um consenso para uma única definição do que é a informação e compreendido que as fontes de informação vão além de um artigo ou um periódico renomado voltemos à primeira questão que se inicia nesta seção, como a CI pode compreender dentro dos seus campos de estudo, temáticas como a memória?

Memória e informação estão muito próximas, afinal como seria uma sem a outra? Para Silva, Cavalcante e Nunes (2018, p. 98) "O uso cotidiano do termo memória evoca principalmente seu significado como a capacidade de nosso cérebro de recordar fatos, eventos e informações.".

Oliveira e Rodrigues (2009, p. 219) explanam que, "[...] pode-se definir memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais etc.), [...]". Nesse sentindo, a memória está relacionada às possíveis formas de serem encontradas, ou seja, suas possíveis fontes de informação.

Existe um envolvimento entre a informação e memória com a atuação na Ciência da Informação. A CI comporta a memória atuando na sua preservação para posterior recuperação e conservação,

> Vinda como herança das práticas custodiais, a memória chega à Ciência da Informação como um campo fértil e rico de estudos filosófico, histórico, sociológico e epistemológico. Exemplo disso, são os estudos em que a memória social é posta sob um olhar informacional, o que possibilita a

> abrangência de diversos tipos de pesquisas, a exemplo dos registros informacionais como forma de conhecer e ter acesso à memória de indivíduos, grupos, cidades, países, instituições dentre outros. Outro exemplo, é o estudo da capacidade dos suportes e das técnicas informacionais de preservação, acesso e difusão da memória. (SILVA; CAVALCANTE; NUNES, 2018, p. 104).

Compreender a memória que propicia registros informacionais para grupos como citado pelos autores possibilita perceber o alcance da CI para demandas sociais. Nessa direção, a comunidade quilombola Vidal Martins em Florianópolis é percebida nesta demanda social, a informação adquirida e repassada através de memórias garante a comunidade além do conhecimento de suas origens o sentimento de pertencimento ao local em que vivem, como um lugar de memória,

> A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notaria atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORA, 1993, p. 9-13).

Maurice Halbwachs (1990) aborda o conceito de Memória Coletiva, que é sempre vivida, física ou afetiva. Para o autor a memória deve ser entendida, sobretudo como um fenômeno coletivo. A comunidade tem o que o autor menciona como “grupo visto de dentro” assim,

> É verdade que os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência. Onde encontramos nosso passado por que este foi atravessado por isso tudo. [...] ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que não haviam desaparecido somente na aparência. (HALBWACHS, 1993, p.66-67).

Maurice Halbwachs (1990), afirma que a história é construída sob a base de uma memória histórica, conferida das memórias de um grupo de um coletivo. Entendida como um lugar de memória que concentra a memória de um coletivo, a comunidade remanescente Vidal Martins comporta em trajetória dados/fatos da concepção da sua história, da história da Capital e do Estado bem como da história do país.

3 QUILOMBO VIDAL MARTINS: FONTE DE INFORMAÇÃO PARA A SOCIEDADE DE FLORIANÓPOLIS

Remontar/ organizar as memórias da comunidade implica em exibir fatos da história do município, fatos estes, ligados também à história nacional. Para compor esta seção recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental. Buscou informações sobre a comunidade em trabalhos acadêmicos e documentos referentes ao processo de reintegração de posse da terra quilombola Vidal Martins. Além disso, são apresentadas informações oriundas das narrativas dos remanescentes que estão disponíveis em entrevistas, vídeos na rede *Youtube* e documentários, compondo assim, as diversas fontes de informação capazes de gerar (re)conhecimento e preservar a memória.

O início da história da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins aconteceu no século XVIII, quando uma mulher chamada Jacinta foi traficada do continente Africano para o Brasil. Jacinta foi destinada para trabalhos escravos na antiga Nossa Senhora do Desterro (atualmente, conhecida como Florianópolis). Sua filha Joana, mulher também escravizada, na sua infância, trabalhou para senhores de engenho até ser vendida para um pároco local. Aos treze anos, Joana deu à luz a Vidal Martins no dia 3 de julho de 1845 (26 anos antes da Lei de ventre livre).

Devido a condição sub-humana de Joana sendo uma mulher negra escravizada, logo teve que se separar de seu filho pois foi vendida para outro senhor de escravos, o então primeiro padre da Paróquia de São João Batista do Rio Vermelho: Antônio Mendes Pulcheria.

Os acontecimentos na vida de Vidal Martins desde o seu nascimento até o seu casamento não foram encontrados e nem relatados. Apenas o que se sabe, é que Vidal casou-se com a costureira Maria Rosa de descendência indígena, mas não se sabe ao certo o número de filhos que eles tiveram (VALDEZ, 2017).

Os fatos que compõe a vida Vidal Martins são em sua maioria narrado por seus descendentes, os anciãos remanescentes da comunidade. Suas narrativas orais são as fontes de informação que retratam a memória da comunidade. Nesse sentido, os irmãos Jucélia Oliveira e Odílio Martins, são os moradores mais antigos da comunidade. Eles são os Griôs[1] responsáveis por transmitir através da oralidade as memórias que compõem a história do quilombo.

[1] Queiroz (2015) descreve que nas tradições orais africanas existem representantes responsáveis por transmitir e dar continuidade a história através da fala, identificados como tradicionalistas estes são “conhecedores” ou “fazedores de conhecimento”.

De acordo com a narrativa dos remanescentes, Vidal Martins teria herdado as terras dos filhos de seu senhor, a não perpetuação sanguínea da família dos senhores, fez com que suas terras fossem deixadas em testamento para seus escravizados, que ali fizeram sua morada (A RETOMADA... 2020).

Seu Odílio e dona Jucélia repassam as histórias contadas a eles por seu Isidro Boaventura Vidal, pai deles e neto de Vidal Martins. Foi Seu Isidro que de forma magnânima fez com que as memórias de seus antepassados permanecessem vivas para seus descendentes. Foi também o Seu Isidro que amargou o momento em que ele e seus familiares foram expropriados das terras herdadas por seus ancestrais. (A RETOMADA... 2020).

A expropriação da comunidade quilombola de onde hoje é o espaço destinado ao Parque estadual do Rio Vermelho, se dá em duas fases com início na década de 1960, quando o engenheiro florestal Henrique Berenhauser começa a empreitada florestal na região. O plantio de mudas de pinus e eucaliptos modificam completamente a flora e por sua vez também a fauna da região já que o plantio cresceu de forma desordenada matando espécies naturais da região. Neste processo, conta seu Odílio que seus familiares que ali residiam foram contratados para atuar na empreitada e os que se recusaram eram expulsos do local. Assim, os moradores foram sendo realocados e espreitados em poucos espaços, incluindo a saída de alguns membros da família para outras regiões como a Costa da Lagoa em Florianópolis. Seu Odílio também relata que nesse momento muitas terras foram griladas pelo entorno para os capatazes de Berenhauser (ROSA, 2015; VALDEZ, 2017).

O outro fato determinante para a retirada por completo dos remanescentes de suas terras ocorreu no golpe de 1964, quando o Estado os retirou de suas terras afirmando que a herança se estendia apenas aos ancestrais e não para seus descendentes. Seu Odílio relata essa história com pesar e ressalta que trabalhou na construção do que hoje é a Rodovia João Gualberto Soares, estrada principal que passa por todo o Bairro do Rio Vermelho (QUILOMBO, 2018).

Naquele momento alguns familiares se dispersam para outras regiões da ilha, mas algumas famílias se mantiveram unidas e vão residir a poucos metros de onde moravam ocupando um espaço de apenas 900 metros quadrados na rodovia João Gualberto Soares. (ROSA, 2015).

Shirlen Oliveira, uma das líderes da comunidade cita que vendo a situação de sua família ser expulsa das terras seu avô, Isidro, decidiu juntar dinheiro para comprar um terreno para sua

família. Assim, com a compra do terreno de 900 metros e com a necessidade de recursos financeiros, o avô de Shirlen precisou trabalhar em muitos lugares. Shirlen lembra que certa vez, seu avô foi para o Rio Grande do Sul para a temporada de pesca, e quando retornou seus filhos já não o conheciam mais, devido ao longo período que esteve fora (A RETOMADA... 2020).

De forma breve foi exposto aqui um pouco das memórias que compõem a comunidade Vidal Martins e que constroem a sua história. Infelizmente, essas memórias reafirmam períodos dolorosos para os Vidal. A comunidade, atualmente, passa por um árduo processo que busca a titulação[2] para a retomada de suas terras e a reparação histórica para os descendentes de Vidal Martins, a qual se justifica pelos anos de escravidão que seus ancestrais viveram, a expulsão da comunidade remanescente durante o período de golpe militar de 1964, além de toda a marginalização que a comunidade sofre por ser descendentes de africanos e africanas escravizadas.

4 A FALÁCIA DA DEMOCRACIA RACIAL NO CONTEXTO QUILOMBOLA

Como muitas comunidades quilombolas, o quilombo urbano Vidal Martins sofre das mazelas de uma sociedade que preserva os privilégios da branquitude[3] e a falácia da democracia racial[4]. Fatos estes, consequentes do período colonial brasileiro, mas que ainda se perpetuam por meio do pensamento colonial e ainda, em uma ciência não decolonial.

Lembra-se que a teoria da democracia racial brasileira indica que devido ao Brasil ser constituído majoritariamente por uma população miscigenada, pela união entre os povos, portugueses, negros e indígenas, confere ao Brasil então, a ideia de uma única raça, a raça brasileira. Devido a essa falsa igualdade de uma identidade racial única, nasce à falácia de uma democracia racial.

No combate às mazelas oriundas do período colonial, existem políticas públicas e legislações criadas para de alguma forma conter injustiças a determinados grupos como

[2] Sobre a titulação de posse ver em: https://cpisp.org.br/vidal-martins/.
[3] A branquitude também é um mal advindo do processo colonizador, "[...] diz respeito a ser branco como uma identidade social e cultural não demarcada racialmente e voltada para os valores do seu grupo racial, geralmente associados a traços de racismo." (PIZA, 2005, online).
4 Foi optado pelo uso do termo a "falácia" da democracia racial e não o "mito", em respeito a culturas africanas e indígenas que relacionam o mito em uma concepção diferente da ocidental. Para algumas sociedades africanas e indígenas, o mito tem uma concepção positiva. É entendido como fundante na forma de ser e estar, e não falacioso, é uma filosofia e, é real. Queiroz (2015, p. 49) os descreve da seguinte maneira, sendo, "Os mitos, representações fantásticas do passado, dominavam o pensamento africano. Sob a forma de costumes de tempos imemoriais, o mito governava e justificava a História, adquirindo um aspecto essencialmente social.".

quilombolas e indígenas. Assim, essas políticas públicas se voltam para os Povos e Comunidades Tradicionais e foram tratadas pela convenção n° 169/ 1989 da Organização das Nações Unidas (ONU) e resolução da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais.

Tais políticas determinam aos povos indígenas e tribais/tradicionais (como os quilombolas), a expressa importância de garantir direitos aos povos indígenas e tribais, direitos como o acesso a terra, educação comunicação e participação nas decisões relativas à comunidade (ONU, 1989). No Brasil, desde 2007 "[...] por meio do Decreto 6040, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT)" (SECRETARIA DA JUSTIÇA, 2020, *online*), as comunidades quilombolas são reconhecidos como sujeitos de direito desta convenção.

A Fundação Cultural Palmares desde 1988 trabalha para garantir direitos como o da convenção 169 para os quilombos "O § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas" (PALMARES, 2020).

Contudo, o processo colonizador ainda está enraizado na sociedade brasileira, possibilitando à branquitude, a meritocracia aos mais altos postos na hierarquia social e garantindo que a falácia da democracia racial se mantenha firme. A falácia da democracia racial é uma situação vivenciada pelos remanescentes quilombolas na comunidade Vidal Martins. Quando a comunidade como forma de administrar o parque ecológico do Rio Vermelho, que é onde se localizam suas terras, criou uma Organização social - OS e com todo o aparato legal solicitou a concorrência no edital de licitação para administração do parque. Contudo, foi desclassificada, e o mais curioso é que não havia concorrentes para tal licitação, esta ação foi entendida como racismo social, "O MPF (Ministério Público Federal) considerou a atitude como "racismo social" e entrou com recomendação à Justiça para que a titularidade do parque seja da comunidade, sem passar por esse processo seletivo." (REDAÇÃO ND, 2020).

A luta pelo reconhecimento das comunidades quilombolas ainda é constante. Mesmo com leis que garantem aos quilombos o seu reconhecimento, as comunidades ainda resistem ao processo de colonização que implicitamente sustenta o racismo social e favorece a negação de seus direitos. Portanto, na área da CI e Biblioteconomia, faz-se urgente a incorporação e desenvolvimento de mais pesquisas que tratem dos privilégios de branquitude e da falácia da

democracia racial como impeditivos na preservação da memória e no alcance a informações que viabilizam o alcance aos direitos das comunidades quilombolas.

5 A IMPORTÂNCIA DO RESGATE DAS MEMÓRIAS DO QUILOMBO PARA A MEMÓRIA EM FLORIANÓPOLIS

Como fonte de informação viva, de um lugar de memória constituído sob uma memória coletiva, o quilombo Vidal Martins tem como legado o reconhecimento oficial da presença negra na colonização de Florianópolis. “Em pesquisa realizada, para o período entre 1788 a 1850, nos livros de batismo da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, foram identificados e sistematizados 5.245 registros de batismos de escravos.” (MALAVOTA, 2013, p. 289).

O resgate das memórias do quilombo perpassa por fatos importantes para a capital do estado de Santa Catarina. As memórias estão entrelaçadas à história do município que ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro, Capital da Província de Santa Catarina como era conhecida.

Além de abarcar detalhes minuciosos sobre a história do município desde o início da colonização no século XVIII, as memórias abrangem inúmeros fatos da história como a chegada do primeiro pároco da Paróquia de São João Batista do Rio Vermelho, responsável por registros de nascimentos, casamentos e óbitos, que nessa época não eram feitos em cartórios e apenas nas igrejas.

Outro fato importante abordado pelas memórias da comunidade é a criação do Parque Estadual do Rio Vermelho pelo engenheiro florestal Henrique Berenhauser, personalidade conhecida na cidade, o intuito da criação do parque era a contenção do crescimento das dunas móveis,

> Durante os doze anos em que esteve à frente da direção do Parque do Rio Vermelho, de 1962 a 1974, Berenhauser teve a ajuda de trabalhadores presidiários da Penitenciária do Estado, diaristas e funcionários da Secretaria de Agricultura do Estado, para os trabalhos de implantação e manutenção do Parque. (KLAUCK, 2015, p. 25-26).

Estavam nessa empreitada também os descendentes de Vidal Martins, como dito anteriormente, os quais ajudaram de forma forçada tanto no projeto florestal quanto na construção da estrada que liga o leste da ilha com o Bairro Ingleses (QUILOMBO, 2018). Fato esse, importante para Florianópolis, pois “[...] a grande empreitada florestal na região do Rio Vermelho acabou por mudar drasticamente a vegetação natural do espaço, provocando uma alteração significativa tanto na flora quanto na fauna da região.”, de acordo com (VALDEZ, 2017,

p. 38). A empreitada além de sufocar a vegetação natural também sufocou os remanescentes quilombolas que ali residiam, novamente as histórias se entrelaçam.

Além disso, como explicado no capítulo anterior, foi um fato de alcance nacional que marcou a retirada por completo da comunidade de suas terras. Na ditadura militar brasileira, soldados informaram que aquelas terras não pertencem mais a comunidade e nesse caso eles teriam que sair do espaço que pertenceria ao Estado. (A RETOMADA... 2020).

As memórias que fazem parte da história da comunidade estão muito próximas de fatos importantes da história de Florianópolis, bem como Santa Catarina, da mesma forma estão diretamente ligadas à história nacional. Afinal o que é um quilombo se não um espaço de resistência a um período que representou a ignorância humana, como foi a escravidão? Reforça-se ainda, que o Brasil foi o último país a abolir o trabalho escravo, uma vez que foram mais de 300 anos de retrocesso humano.

Nas falas dos remanescentes, ressalta-se o fato de Vidal Martins nascer 26 anos antes da lei do ventre livre. Assim, o restabelecimento dessas memórias é essencial, não só para a comunidade quando se fala em identidade cultural, mas também para a demarcação territorial, garantia da qualidade de vida e acesso aos direitos dos remanescentes quilombolas. Ademais, tais memorias reafirma o racismo estrutural que permeia nossa sociedade até os dias atuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de se conhecer as memórias da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins faz parte de mostrar uma parte da história catarinense e brasileira que foi invisibilizada. Além disso, também, trata-se de reconhecer o espaço quilombola como um lugar de memória e responsável pela produção de informação e conhecimento. É interessante, como as narrativas orais foram convertidas em diversas fontes de informação, tais como: como documentos jurídicos, bibliográficos e científicos.

Foi observado que através das memórias de seus antepassados, os remanescentes puderam se reconhecer, para além dos livros de história. A tradição de narrar memórias transforma estes interlocutores em bibliotecas vivas, nos quais são detentores da informação que traz vestígios históricos e que compõem sua memória de modo a construir a história da comunidade.

Nesse sentido, a Ciência da Informação como área interdisciplinar é capaz de alcançar outros campos com perícia e contribui para temáticas no âmbito social e racial, construindo instrumentos que possam auxiliar os profissionais da informação.

Desta maneira, ao ser registrada a memória do quilombo Vidal Martins, não só os remanescentes terão sua história em um suporte que compreenderá a memória de um grupo caracterizado como um lugar de memória com dados, fatos sobre o quilombo, ou seja, diferentes fontes de informação. A relação entre memória e informação representa a identidade cultural para os remanescentes quilombolas da comunidade Vidal Martins, e ainda, o reconhecimento de suas origens e história, as quais foram rejeitadas por grupos sociais que detém o poder e reafirmam sua branquitude, o pensamento colonial e o racismo.

REFERÊNCIAS

A RETOMADA do Território Quilombola Vidal Martins. Realização de Rega Brasil. Florianópolis: Youtube, 2020. (110 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k0CVzN8gya0&t=1512s. Acesso em: 19 maio 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. São Paulo: KMA, 2018. 132p.

ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23206. Acesso em: 28 abr. 2020.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 32-47, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50946. Acesso em: 28 abr. 2021.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Ana. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação**. Informação & Sociedade**, v. 27, p. 7- 16, 2017.

BLATTMANN, Ursula. **Fontes de Informação**: Primárias, Secundárias e Terciárias. 2015. Disponível em: http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias. Acesso em: 28 abr. 2021.

CAPURRO, Rafael, HJORLAND, Biger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf . Acesso em: 18 mai.2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, H.F.; NOVO, H.F. (org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

HALBWACHS. Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999.

KLAUCK, Aline Gabriela. **"Reflorestamento de Mil Hectares de Dunas e Alagados":** o parque estadual do rio vermelho. 2015. 79 f. TCC (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179205. Acesso em: 19 maio 2021.

MALAVOTA, Claudia Mortari. Construindo vidas na diáspora. Os africanos da cidade do Desterro, Ilha de Santa Catarina (Século XIX). **História,** Franca, v. 32, n. 1, p. 281-303, jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742013000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 maio 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763. Acesso em 02 mai. 2021.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na ciência da informação no brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**, v. 3, n. 3, p. 216-239, 2009. DOI: 10.9771/1981-6766rpa.v3i3.3613.

ONU. Convenção nº 169, de 07 de junho de 1989. **Convenção N° 169 da Oit Sobre Povos Indígenas e Tribais**. Genebra, 1989. Disponível em: https://nacoesunidas.org/convencao-169-sobre-povos-indigenas-e-tribais-e-lancada-nas-linguas-guarani-kaiowa-e-terena/. Acesso em: 27 fev. 2021.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade**: Estudos, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91931. Acesso em: 20 maio 2021.

PAIVA, Eliane Bezerra; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NASCIMENTO, Genoveva Batista. Uso de fontes de informação por alunos de arquivologia. **Archeion Online**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/14962. Acesso em: 28 abr. 2021.

PALMARES, Fundação Cultural. **Apresentação.** Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em: 27 fev. 2021.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. *In*: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. **Anais online** [...]. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100022&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 16 de jul. 2020.

POPINIGIS, Fabiane. "Aos pés dos pretos e pretas quitandeiras": Experiências de trabalho e estratégias de vida em torno do primeiro Mercado Público de Desterro (Florianópolis) e seus arredores 1840-1890**. Afro-Ásia**, Salvador, n. 46, p. 193-226, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 maio 2021.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopez de. Formas africanas de lidar com o passado: oralidade, mitos, ritos, tradições. *In*: MORTARI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: Udesc, 2015. Cap. 2, p. 46-58.

QUILOMBO Vidal Martins. Florianópolis: Youtube, 2018. (8 min.), P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yV2KW7nk5Z8. Acesso em: 19 maio 2021.

REDAÇÃO ND. Quilombolas ocupam camping do Parque Estadual do Rio Vermelho, em Florianópolis. **Nd+**, Florianópolis, 19 fev. 2020. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/quilombolas-ocupam-camping-do-parque-estadual-do-rio-vermelho-em-florianopolis/. Acesso em: 28 fev. 2021.

ROSA, Edson. Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis. **Nd+**: noticias de Santa Catarina, Florianópolis, 18 ago. 2014. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/descendentes-de-escravos-do-seculo-18-formam-o-primeiro-quilombo-de-florianopolis/. Acesso em: 28 fev. 2021.

ROSA, Edson. Quilombolas do Rio Vermelho esperam laudo antropológico e querem discutir corte de pínus em parque. **Nd+**: noticias de Santa Catarina, Florianópolis, p. 0-0. 06 jul. 2015. Disponível em: https://ndmais.com.br/noticias/quilombolas-do-rio-vermelho-esperam-laudo-antropologico-e-querem-discutir-corte-de-pinus-em-parque/. Acesso em: 19 maio 2021.

SECRETARIA DA JUSTIÇA (Paraná). **Povos e Comunidades Tradicionais**. 2020. Disponível em: http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156#:~:text=Entr

e%20os%20povos%20e%20comunidades,%2C%20sertanejos%2C%20jangadeiros%2C%20ciganos%2C. Acesso em: 23 maio 2021.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da.; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Informação e memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 23, n. 52, p. 95-106, 2018. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v23n52p95.

VALDEZ, Ramiro Soares. **Paisagens Políticas**: uma abordagem antropológica das transformações da paisagem na área do atual parque estadual do rio vermelho, Florianópolis, sc. 2017. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186382/TCC%20Ramiro%20Soares%20Valdez.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 maio 2021.